



**A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: UMA LEITURA PÓS-COLONIALISTA
ANIMAL FARM: A POST-COLONIAL WAY OF READING**

Ana Flávia de Oliveira¹

Resumo: Neste artigo analisamos trechos do romance *A Revolução dos Bichos*, escrita por George Orwell e publicada em 1945, pelo viés do pós-colonialismo e suas críticas. Intencionamos compreender o texto literário de Orwell por um ponto de vista em que comparamos os acontecimentos e relações do livro com as relações existentes entre metrópole e colônia. Para isso nos utilizamos de pensadores como Bhaba (1991, 1998), Bonnici (2012) e Rama (2001) para compreender o que é o pós-colonialismo, quais são suas características e quais dessas características são encontradas em *A Revolução dos Bichos*. O objetivo é o de aumentar o leque de possibilidades de interpretações dessa obra, visto que, as interpretações dependem de seu contexto de produção e recepção.

Palavras-chave: *A Revolução dos Bichos*; Pós-colonialismo; Orwell.

1. Introdução

A literatura de língua inglesa se encontra disseminada por vários países em que o inglês não é língua materna e nem língua oficial. Sabemos que a grande maioria dos livros mais vendidos no Brasil e no mundo foram escritos em inglês, o que facilita o imenso contato com culturas de povos de língua inglesa.

Isso significa que temos relações indiretas com a língua inglesa e suas culturas, fazendo com que muitas vezes nos “apropriemos” (CERTEAU, 1984) dessas culturas, mesmo que despercebidamente.

Conscientes disso, acreditamos ser necessário nos atentar para as influências que as obras produzidas em língua inglesa podem provocar nos leitores brasileiros. Sendo assim, em uma tentativa de analisar as formas de apropriação possíveis de obras estrangeiras no contexto brasileiro, escolhemos refletir sobre a obra *Animal Farm (A Revolução do Bichos)* de George Orwell nesse artigo, por meio da perspectiva da crítica pós-colonialista.

¹ Estudante de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).
E-mail: oliv.anaf@gmail.com



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.11-22

A obra de George Orwell foi escolhida por ser um romance escrito no período pós-colonialista e que, por meio de analogias, faz críticas a Revolução Russa e seus desdobramentos, que é o momento em que o livro foi escrito. E também por ser considerado um dos romances mais influentes do século XX, o que nos faz acreditar que o romance teve – e ainda terá – um grande número de leitores brasileiros, por isso merece ser estudado a partir de uma visão crítica, que leve os leitores a refletirem sobre o conteúdo da obra.

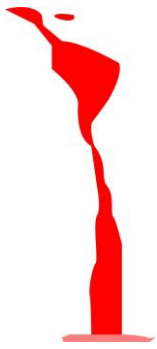
Além disso, sabemos que Orwell é pouco estudado por meio das perspectivas pós-colonialistas, como afirmam Vieira e Silva (2005, p. 16) “particularmente sentida é a falta de estudos sobre Orwell que o leiam à luz dos recentes desenvolvimentos teóricos dos Estudos Pós-coloniais, que tanto têm contribuído para uma desmontagem do discurso colonial”. Portanto, iremos neste artigo destacar e analisar trechos da obra *A Revolução dos Bichos* pelas perspectivas das teorias de crítica pós-colonialistas, a fim de que, a partir das análises desse artigo, possamos refletir sobre como o colonialismo e suas características influenciaram em obras escritas fora do contexto em que a relação de dominado e dominador exista de forma declarada.

Gostaríamos de destacar, que as análises feitas durante este artigo refletem algumas possibilidades de leituras com base no enfoque pretendido, ou seja, naturalmente nossas análises serão feitas a partir da visão pós-colonialista que obtivemos ao ler a obra, porém isso não exclui nenhuma outra possibilidade de leitura.

2. Contextualizando *A Revolução dos Bichos*

A Revolução dos Bichos é um romance satírico que foi publicado em 1945 por Eric Blair sob o pseudônimo de George Orwell. Inicialmente a obra continha o subtítulo *A fairy story*, que remetia a um conto de fadas ou fábulas – principalmente por conter animais que falam. Pelo fato de o título inicial da obra conter uma menção às fábulas – e como é de conhecimento geral, esse gênero narrativo normalmente oferece uma moral – percebemos que *A Revolução dos Bichos* nos revela uma “moral”, uma crítica, ou ao menos uma reflexão.

O livro conta a história de alguns animais que viviam em uma fazenda e se sentiam explorados por seu dono Sr. Jones, por isso, motivados pela visão ocorrida em um sonho do



porco Major – um dos mais velhos –, os animais decidem fazer uma revolução e expulsar os humanos da fazenda, com o intuito de viver em igualdade entre eles.

Ao longo da narrativa, os animais, que tinham como um de seus mandamentos “todos os animais são iguais”, passam a ter obrigações diferentes e a viver de forma não tão igualitária.

Essa situação de desigualdade se agrava após a morte do porco Bola de Neve, que tinha se tornado um dos líderes e seguia os preceitos do Major – o primeiro líder da Revolução –, pois com a morte de Bola de Neve, Napoleão – que é um porco que visa seus próprios interesses – assume o comando e passa a trabalhar de forma a fazer com que os porcos sejam os únicos beneficiados.

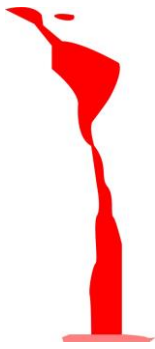
Após a expulsão dos humanos os porcos – que são considerados mais inteligentes por conseguirem ler – tomam o poder da fazenda, dando ordens aos outros animais, estabelecendo as metas de colheita e produção que devem ser cumpridas pelos outros.

Em pouco tempo, as regras estabelecidas primeiramente por todos se desfazem ou são alteradas favorecendo o modo de vida dos porcos, que ao final do romance se tornam tão exploradores quanto os humanos.

A narrativa de Orwell poderia ser lida apenas como uma fábula, porém o momento de sua produção – pós Revolução Russa, período em que a Rússia era socialista – nos ressalta que uma leitura crítica e embasada politicamente de acordo com a época vivida por Orwell, revela análises críticas feitas pelo autor sobre esse período histórico. Na próxima seção deste artigo descrevemos brevemente o que foi a Revolução Russa, como seus desdobramentos ocorreram e como nossas leituras nos levam a compreender que o romance escrito por Orwell tem muitas semelhanças com a realidade.

3. A relação entre a Revolução Russa, seus desdobramentos e A Revolução dos Bichos

A Revolução Russa foi uma onda de manifestações populares contra o governo do Czar Nicolau II, que aconteceu em 1917 e acabou por tirá-lo do poder e deslançar uma guerra civil pela disputa de poder entre Bolcheviques e Mencheviques – ambos partidos comunistas, porém com intenções de governo opostas.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.11-22

Após a Revolução, os Bolcheviques conseguem o poder e assim como em *A Revolução dos Bichos*, todos são iguais inicialmente e têm o mesmo objetivo, porém após algum tempo Stalin e Lênin – líderes dos Bolcheviques – assumem o governo com intenções de implantar um partido socialista liderado pelos trabalhadores, entretanto, a morte de Lênin deixa Stalin no poder e o leva a liderar de forma controversa, visto que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) avançou industrialmente e tecnologicamente, contudo, também viveu um período de ditadura em que a prática de expurgos, torturas e mortes era comum.

Acreditamos que *A Revolução dos Bichos* se utiliza da literatura para fazer uma analogia e uma crítica a esse momento histórico, visto que, da mesma forma que a revolução que acontece na história de Orwell “liberta” os animais de seu opressor, deixando os sob o poder de um novo líder – porém o autoritarismo agora parte de um animal que é visto como “um de nós” – da mesma forma a URSS se rebelou contra o Czar Nicolau II para que “um de nós”, “do povo”, “dos trabalhadores” pudesse chegar ao poder.

O que percebemos da relação entre a história do livro e o acontecimento histórico é que ambos em certo ponto utilizam e reproduzem a dominação, que é o princípio do imperialismo/colonialismo. Portanto, as análises que serão feitas e discutidas nas seguintes seções serão sob a ótica da crítica pós-colonial, levando em consideração os aspectos encontrados na obra de Orwell e em seu contexto de produção; aspectos tais como a subordinação, a resistência, a alteridade e a dominação.

4. Pós-colonialismo e *A Revolução Dos Bichos*

Segundo Bonnici (2012, p. 19), podemos considerar como pós-colonial “toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos 15 e 21”; isto significa que, *A revolução dos bichos* escrita por Eric Blair sob o pseudônimo de George Orwell, e publicada em 1945 pode ser considerada pós-colonial, visto que Orwell nasceu em Motihari, uma cidade no estado de Bihar na Índia, no período em que a Índia era colônia do Império Britânico. Tanto Orwell quanto seu pai trabalharam na Índia; Orwell trabalhou na polícia Imperial e seu pai como funcionário do Império Britânico, porém o menino passou a maior parte de sua vida na Inglaterra.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.11-22

A Índia tornou-se independente somente em 1947, dois anos após a publicação de Orwell, após o fim da Segunda Guerra Mundial, o que caracteriza Orwell como um autor da “segunda etapa” das literaturas pós-coloniais, pois segundo Bonnici (2012, p. 23) “a segunda etapa envolve textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na metrópole”. Embora os textos literários de Orwell não tivessem supervisão imperial – aparentemente não tinham supervisão imperial, entretanto seu primeiro livro foi recusado por algumas editoras –, ele é um autor nativo da colônia que cresceu e se educou na metrópole e retorna à colônia depois de adulto e prefere continuar a viver na Europa.

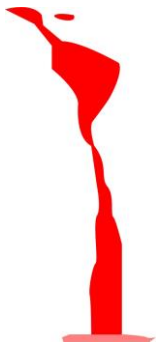
Após conhecer a biografia do autor e o momento histórico em que o livro é publicado, nós leitores somos levados a interpretar a obra de maneira menos ingênua, ou seja, o seu caráter de fábula, mencionado anteriormente, deixa de existir e passamos a associar a história de *A Revolução dos Bichos* com situações históricas que ocorreram.

Certamente, um texto literário pode ter diversas interpretações, principalmente se levarmos em conta o contexto de produção e de recepção desses textos. Com *A Revolução dos Bichos* não seria diferente, segundo Sampaio:

Duas interpretações têm dominado: por um lado, há os que vêem na obra uma denúncia a todas as revoluções, ao comunismo em particular, tomando-a como expressão evidente de um ponto de vista conservador [...]. Outros críticos e leitores têm insistido na mensagem positiva da obra. (SAMPAIO, 2005, p. 63-64)

Isso significa que, assim como toda e qualquer obra de arte da literatura, *A revolução dos Bichos* tem mais de uma interpretação possível e pode ser analisada por diversos ângulos dentro dos Estudos Literários.

Embora possam existir contradições em relação às obras de Orwell serem obras pós-coloniais, – por ele ter vivido na Inglaterra, escrito e publicado seus livros na Europa – suas obras podem ser analisadas sob o ponto de vista da crítica pós-colonialista que “é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências” (BONNICI, 2012, p. 20). Sendo assim nos apoiaremos nas críticas pós-colonialistas a fim de entender como *A Revolução dos Bichos* é uma obra influenciada pelo imperialismo.



5. Como o pós-colonialismo se faz presente em *A Revolução dos Bichos*

A semelhança entre a fazenda *Manor* (em português chamada de Fazenda Solar) e um país dependente da metrópole, por ter sido colonizado, se mostra desde o início do romance, quando porco Major discursa sobre como é a vida dos animais que vivem para produzir alimentos para os humanos.

Porque quase todo o produto do nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta a todos os nossos problemas. Resume-se em uma só palavra — Homem. O Homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. Retire-se da cena o Homem, e a causa principal da fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre. (ORWELL, 2007, p.12)

Percebemos, que o homem é uma analogia à metrópole, enquanto os animais são uma analogia às colônias que são exploradas; visto que, da mesma forma que os animais buscam se libertar do homem, as colônias buscaram (e ainda buscam) se libertar das metrópoles com o intuito de obter liberdade e desenvolvimento político e econômico, assim como acontece em *A Revolução dos Bichos*:

Basta que nos livremos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja somente nosso. Praticamente, da noite para o dia, poderíamos nos tornar ricos e livres. Que fazer, então? Trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada do gênero humano. Esta é a mensagem que eu vos trago, camaradas: rebelião! (ORWELL, 2007, p. 13-14).

A mesma ânsia por revolução e luta por liberdade acontece durante o processo de independência em países que eram colônias. Países como a Angola, os EUA e o México entraram em uma guerra civil para conquistar a liberdade econômica da metrópole. *A Revolução dos bichos* também apresenta uma etapa de guerra entre animais e humanos pela busca de liberdade. Na trama, após a revolução que expulsa os humanos da fazenda, há uma segunda guerra, visto que os humanos desejam retomar a fazenda; o que se assemelha às disputas pelo poder em países que são governados pela metrópole e desejam ser independentes.

Os animais vencem a segunda batalha que é batizada de “Batalha do Estábulo” e conseguem a almejada liberdade dos humanos. Sabemos que em se tratando do contexto



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.11-22

histórico vivido por Orwell, a expulsão dos humanos da fazenda representa a expulsão do Czar Nicolau II do poder. No entanto, a partir da visão da crítica pós-colonialista podemos também associar essa passagem do livro com a “expulsão” do comando da metrópole sob a colônia.

Depois de livres do comando dos homens, a Fazenda Solar passa a se chamar Fazenda dos Bichos e os animais estipulam sete mandamentos que devem ser seguidos por todos, isto se assemelha as novas leis que são escritas após o país declarar liberdade em relação à metrópole. A troca de nomes também é significativa, já que muitos países após a independência trocam o nome – normalmente adicionando a palavra República ao início para marcar a nova fase governamental – ou retiram partes do nome que faziam referência à metrópole.

Após a expulsão dos humanos da fazenda, a liderança é exercida pelos porcos. O comando dos porcos faz analogia ao comando dos Bolcheviques na URSS e nesse sentido podemos analisar o discurso dos porcos como um discurso de ideologia de dominação, já que muitas vezes encontramos passagens que revelam a obrigação dos animais para com tarefas de submissão de poder, como no seguinte trecho:

Todos os domingos, às dez horas, os animais reuniam-se no grande celeiro para receber as ordens da semana. A caveira do velho Major, já sem carnes, fora desenterrada e colocada sobre um toco ao pé do mastro, junto da espingarda. Após o hasteamento da bandeira, os animais deviam desfilar reverentemente perante a caveira, antes de entrar no celeiro. Já não sentavam todos juntos, como antes. Napoleão, Garganta e outro porco chamado Mínimo, dono de notável talento para compor canções e poemas, aboletavam-se sobre a parte fronteira da plataforma, os nove cachorros em semicírculo ao redor deles e os outros porcos atrás. O restante dos animais ficava de frente para eles, no chão do celeiro. Napoleão lia as ordens da semana num áspero estilo militar e, após cantarem uma única vez “Bichos da Inglaterra”, os animais se dispersavam. (ORWELL, 2007, p. 49-50)

Esse ritual acontecia como forma de reverenciar não apenas o Velho Major, mas também os outros porcos que estavam no comando, embora no começo da revolução tivessem definido em um dos “sete mandamentos” dos animais que “todos os animais são iguais”, ou seja, todos os animais deveriam se sentar de juntos, de forma a não deixar nenhum em maior evidência que o outro. A mudança de hábitos em relação a quem deveria ou não ser



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.11-22

reverenciado acontece devido à ideologia que é imposta sobre os animais. Segundo Ashcroft *et al* (1998, p. 221, tradução nossa), “ideologia é o sistema de ideias que explica, ou faz sentido para, uma sociedade, e de acordo com Marx é o mecanismo pelo qual as relações sociais desiguais são reproduzidas”². Isso significa que como as ideologias implantadas pelos porcos foram aceitas pelos animais – não totalmente, como veremos adiante – as relações hierárquicas se estabeleceram.

Entretanto, assim como acontece nas Revoluções e nas colônias dominadas pelas metrópoles, as ideologias e dominações impostas não são aceitas em um primeiro momento por todos. Sempre há um grupo que expressa sua indignação com as ações tomadas pelos governantes por meio da resistência. Em *A Revolução dos Bichos*, a resistência aparece em vários momentos seja por meio de discursos ou por meio de ações, como podemos observar no seguinte trecho em que as galinhas se rebelam após receberem a notícia de que todos os seus ovos deveriam ser entregues a Napoleão (o Líder):

Certa manhã de domingo, Garganta anunciou que as galinhas, que recentemente haviam começado a pôr, deveriam entregar-lhe os ovos, pois Napoleão assinara, por intermédio de Whymper, um contrato de fornecimento de quatrocentos ovos por semana. O rendimento pagaria, em cereais e farinha, o bastante para manter a granja até que chegasse o verão e as condições do tempo melhorassem.

Ao ouvir isso, as galinhas responderam com um grande cacarejo. Já haviam sido alertadas sobre essa possibilidade, mas não pensavam que viesse a acontecer. Acabavam de preparar suas ninhadas de ovos para a chocagem da primavera e protestaram dizendo que tomar-lhes os ovos, agora, era um crime. Pela primeira vez, desde a expulsão de Jones, aconteceu algo parecido com uma rebelião. Lideradas por três jovens frangas minorcas, as galinhas realizaram uma ação visando a contrariar os desejos de Napoleão. O método usado foi voar para os caibros do telhado e dali pôr os ovos, que vinham despedaçar-se no chão. Napoleão agiu rápida e implacavelmente. Cortou a ração das galinhas e decretou que o bicho que fosse apanhado dando a elas um grão sequer de alimento seria condenado à morte. (ORWELL, 2007, p. 64-65)

As reações que as galinhas têm ao receberem a notícia de que seus ovos – que estavam sendo chocados para virar pintinhos – iriam ser vendidos, se assemelham à história de

² *Ideology is the system of ideas that explains, or makes sense of, a society, and according to Marx is the mechanism by which unequal social relations are reproduced.* (ASHCROFT et al, 1998, p.221)



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.11-22

infanticídio cometido em *Beloved* de Toni Morrison (1987) que é uma escrava nos EUA, que prefere perder seus filhos a vê-los se tornarem escravos também.

O infanticídio é também uma forma de resistência; “Elizabeth Fox-Genovese considera que o assassinato, a automutilação e o infanticídio são a dinâmica psicológica profunda de toda resistência” (BHABHA, 1998, p. 39)

Ou seja, resistir muitas vezes demanda ações que podem prejudicar o próprio oprimido, já que ele acabará perdendo – no caso do infanticídio a mãe perde suas crias. Porém, o infanticídio tem um objetivo maior,

Diferentemente dos atos de confrontação contra o senhor ou o feitor que eram resolvidos dentro do contexto doméstico, o infanticídio era reconhecido como um ato contra o sistema e, pelo menos, reconhecia a posição legal da escrava na esfera pública. O infanticídio era visto como um ato contra a propriedade do senhor - contra seu lucro extra (BHABHA, 1998, p. 40)

A forma que as galinhas encontraram para resistir naquele momento contra os seus “senhores” – que eram os porcos –, foi por meio do infanticídio que matava seus próprios filhotes, tendo em vista o propósito de não gerar lucros para os dominadores.

Além da resistência, podemos encontrar também em *A Revolução do Bichos* exemplos de transculturação que, segundo Ortiz:

expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura, [...] mas implica também necessariamente a perda ou desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial *desaculturação* e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados de *neoculturação*. (1963 apud RAMA, 2001, p. 216).

Ou seja, a transculturação acontece sempre que duas ou mais culturas se mesclam, pois nenhuma dessas culturas será totalmente extinta e nenhuma delas prevalecerá totalmente, o que acontece é sempre a transculturação, que resulta em uma “neocultura”.

A transculturação pode ser observada em *A Revolução dos Bichos* quando os porcos, que antes abominavam todo e qualquer comportamento dos homens, adotam hábitos que antes eram exclusividade dos humanos.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.11-22

No início os porcos tinham discursos nos quais diziam que “animal nenhum deve morar e nem dormir em camas, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro, nem fazer comércio. Todos os hábitos do Homem são maus” (ORWELL, 1945, p.6). Entretanto, algum tempo depois de os porcos assumirem o poder, muitos animais perceberam que hábitos antes praticados apenas pelos humanos estavam agora sendo reproduzidos pelos porcos, como descrito no seguinte trecho:

Ninguém estranhou saber que os porcos haviam comprado um aparelho de rádio, que estavam tratando da instalação de um telefone e da assinatura de jornais e revistas. Não estranharam quando Napoleão foi visto passeando nos jardins da casa com um cachimbo na boca – não, nem quando os porcos se assenhorearam das roupas do Sr. Jones e passaram a usá-las (ORWELL, 2007, p. 107).

Os porcos apropriaram-se da cultura dos humanos de tal forma que ela se sobrepôs à cultura anterior, porém eles continuavam sendo porcos e provavelmente alguns aspectos de sua cultura e natureza (como roncar, ter o corpo coberto por uma camada grossa de pelos) continuaram a existir.

A transculturação é um aspecto do pós-colonialismo que assolou principalmente países colonizados. Nesses países, as culturas já existentes antes da colonização europeia foram menosprezadas em primazia às culturas dos colonizadores europeus. O mesmo acontece em *A Revolução dos Bichos*, visto que a cultura dos animais – que antes eram dominados pelos humanos – é depreciada para que a cultura dos homens seja engrandecida – mesmo que pelos porcos, que também são animais, mas estão agora em posição de dominadores.

Todas as ações dos porcos nos levam a entender que seu único objetivo era a dominação e o poder sobre os outros animais, o que também nos leva a relacionar com as relações de poderio exercidas pelas metrópoles sobre as colônias. As colônias ou pessoas escravizadas pela metrópole, que ousavam questionar ou até se mostrar contrárias aos ideais impostos, corriam riscos de serem castigadas com mais trabalho e/ou piores condições de trabalho, tudo para que a hierarquia de poder se mantivesse forte e clara.

O trecho “Todos os hábitos do Homem são maus” (ORWELL, 2007, p. 15) também pode ser entendido como um exemplo de alteridade e outremização, visto que, a alteridade no pós-colonialismo visa a depreciar tudo o que vem do outro. Logo, quando os bichos acreditam



que tudo que vem do homem é ruim, portanto não deve fazer parte da cultura dos bichos, eles estão outremizando os humanos.

Para Bhabha (1991, p. 185), “Tal atitude [a alteridade e outremização] coloca o sujeito nativo como lugar de poder produtivo, ao mesmo tempo subserviente e sempre potencialmente indisciplinado”, o que nos permite dizer que a partir do momento em que os porcos assumem o poder, eles passam a outremizar os outros animais fazendo-os de “poder produtivo” e serventes/escravos – já que ganhavam apenas os alimentos para continuar produzindo.

Refletindo sobre as características dos porcos antes e depois do poder, notamos que os animais antes dominados e oprimidos, tornam-se opressores e dominadores ao atingir o poder, o que significa que os colonizados assumem a postura de colonizadores assim que possível.

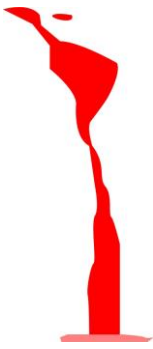
6. Considerações finais

A partir das análises feitas durante esse artigo, concluímos que *A Revolução dos Bichos* nos apresenta inúmeros aspectos que podem ser analisados pelo viés da crítica pós-colonialista, muitos aspectos esses que não entraram em nossas análises, visto o tamanho do livro e a profundidade que a análise completa demandaria.

Entretanto, podemos afirmar a partir das análises apresentadas que as leituras de um texto – literário ou não – sempre irão depender do enfoque dado pelo leitor e da “comunidade interpretativa” (FISH, 1995), ou seja, pessoas de países diferentes em épocas diferentes irão ter interpretações diferentes de um mesmo texto, porém não podemos acreditar que isso torna “qualquer” interpretação possível.

Nossas interpretações de *A Revolução dos Bichos* foram guiadas por teóricos que nos dão embasamento para que possamos associar o romance de Orwell às relações entre metrópole e colônia existentes no período atual conhecido como pós-colonialismo.

Reafirmamos também, que essa é apenas uma das possíveis leituras desse texto, nosso enfoque e análises visam contribuir para um leque de possibilidades de interpretação do livro ao invés de limitá-las.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.11-22

Referências

ASHCROFT B; TIFFIN H; GRIFFITHS G. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*, Original, Routledge Press, London and New York, 1998.

BHABHA, Homi K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 177-203.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Rente Gonçalves. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.

BONNICI, T. *O Pós-Colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2012. v. 1. 377p.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1984.

FISH, S. *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge: Harvard UP, 1995.

MORRISON, Toni. *Beloved*. NY. 1987.

ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. Companhia das Letras, 2007. Tradução de Heitor Aquino Ferreira

RAMA, Ángel. Literatura e Cultura na América Latina, In: AGUIAR, Flávio & VASCONCELOS, Sandra Gardini T. (orgs). *Ángel Rama: Literatura e Cultura na América Latina*, 2001.

SAMPAIO, Sofia. Recordando Animal Farm e Nineteen Eighty-Four: Notas sobre o Anti-Utopismo de George Orwell. In: George Orwell: *Perspectivas Contemporâneas*, ed. Fátima Vieira e Jorge Bastos da Silva, 2005. p. 61 - 76.

VIEIRA, Fátima; DA SILVA, Jorge Bastos (Ed.). *George Orwell: perspectivas contemporâneas*. Universidade do Porto, 2005.